

“Mãos de fada” que se rendem à agricultura!

n EVELINA MUCHANGA

AO chegar ao Vale do Infulene, junto à Avenida Eduardo Mondlane, no Município da Matola, encontramos Zeinabo Cossa a regar os seus canteiros repletos de vegetais, que alimentam parte da província e cidade Maputo.

FOTOS DE J. MACHEL



Zeinabo Cossa: feliz por conseguir terra para cultivar



Lúcia Nhatsave queixa-se da irregularidade das chuvas

Um fenómeno estranho

TRABALHAR a terra para produzir comida pode parecer alternativa à subsistência das mulheres com baixo nível de escolaridade, mas não é. Há quem faça isso porque gosta e nunca se imaginou a realizar uma outra actividade.

É o caso de Lúcia Nhatsave, 64 anos de idade, que desde a sua adolescência nutre simpatia com a actividade agrícola. Aprendeu desde cedo dos pais a cultivar a terra para alimentar a família. Mas, nos últimos tempos, há fenómenos que acontecem que a deixam preocupada.

“Não sei o que está a acontecer! A chuva tem sido irregular. Cai em momentos não previstos. Há vezes que semeamos, vem muita chuva e estraga as nossas culturas. Ficamos baralhados sem saber em que época se pode plantar alface, por exemplo”, reclamou esta mulher, por sinal uma das mais antigas nas “machambas da paz”.

Ela conta que trabalha naquele ponto há anos. Já perdeu a conta, mas sabe que foi na altura em que tinham que desbravar o eucalipto que ali se encontrava, para conseguir espaço para cultivo.

“Tudo isto era ocupado pelo eucalipto até aquela zona onde foram construídas as instalações da Associação Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP). O meu primeiro filho nasceu eu a trabalhar aqui. Eu e o meu falecido marido criamos os nossos filhos cultivando a terra. As meninas foram ao lar e

com o meu filho mais novo que também já é maior de idade”, comemora estes feitos.

Lúcia Nhatsave anima-se pelo esforço que fez para encaminhar para a vida os filhos. Mesmo com os joelhos doloridos, diz que não consegue parar de trabalhar. “Desde pequena que acordo às 4:00 horas e me dedico à machamba. Não vai ser por causa de dores no joelho que vou parar de trabalhar. Sou mãe, pai e avó. Aconselho as mais novas que a vida não é fácil e parar é morrer. A terra que suja os nossos pés e mãos lava-se. É graças a essa terra que sustentamos as nossas famílias.”

O sector agrícola em Moçambique é constituído, particularmente pelo sector familiar, que pratica uma agricultura de subsistência, a qual depende principalmente das chuvas. Com o advento das mudanças climáticas, muitos dos agricultores vêem-se a perder culturas ou por causa de excesso de chuva ou por escassez desta, o que torna a vida de quem depende da agricultura familiar mais difícil.

Para reduzir este impacto, alguns economistas recomendam a intensificação do uso de tecnologias melhoradas, incluindo sementes, fertilizantes e pesticidas, assim como a implementação de políticas que reduzam desigualdades no acesso e utilização da terra. O incremento de infra-estruturas de rega e a facilitação para o acesso aos mercados de insumos são outras medidas consideradas cruciais para

Com sorriso no rosto e dois irrigadores nas mãos, esta mulher de 57 anos de idade partilhou connosco as batalhas travadas para sustentar a sua família. São anos de trabalho árduo naquelas terras conhecidas como “machambas da paz”.

E são da paz mesmo! A recepção que tivemos, não só de Zeinabo, como também de outras mulheres que ali labutam, é exemplo disso. As mulheres por nós entrevistadas não se fixaram de

te, partilhar um pouco da história de suas vidas, sem que tenhamos comunicado, previamente, ao que nós íamos.

“Não tenho receio de falar da minha vida, porque pode servir de inspiração para outras pessoas, em particular mulheres. É aqui onde ganho o pão, que alimenta a minha família. Tenho orgulho do meu trabalho e faço-o com amor”, aponta Zeinabo, enquanto rega a alface.

Esta mulher vive nas proximidades do vale do Infulene

para se fazer à sua machamba. Até às 5:30 horas da manhã inicia a actividade e só despega ao pôr-do-sol. São horas e horas de lavra, rega e cuidar das plantas, para que não sejam consumidas por ervas daninhas ou sequer por falta de água.

“É preciso disciplina e inspecção permanente. Descanso apenas aos fins-de-semana. Reservo esses dias para lavar a roupa, limpar e arrumar devidamente a casa. Ao meio da semana, conto com a ajuda dos meus filhos no

para se fazer à sua machamba. Ainda sob a sua responsabilidade.

Antes de se dedicar à machamba, Zeinabo cortava lenha e produzia carvão para o consumo familiar e venda. Fazia o trabalho com o marido já falecido. “Tínhamos motosserra, o que facilitava. Com o tempo, a actividade passou a não render. Era difícil. Não tínhamos água para consumir. Vezes sem conta bebíamos água turva e, por vezes, amarga”, conta.

O sacrifício que esta mulher

marem para que um dia se tornem independentes financeiramente. “Fiz a oitava classe, mas tive que interromper os estudos para dar espaço aos meus filhos. Luto por eles. Gostaria que eles concluíssem o ensino superior”, revelou.

Buscar formas para aliviar as despesas da família e contribuir para os cuidados dos filhos têm sido a força motriz que leva muitas mulheres a abandonarem as suas camas. Logo que o galo canta, para se dedicarem à machamba, onde cultivara diversos produtos

E são da paz mesmo! A recepção que tivemos, não só de Zeinabo, como também de outras mulheres que ali labutam, é exemplo disso. As mulheres por nós interpeladas não se fizeram de rogadas, aceitaram, humildemen-

a minha família. Tenho orgulho do meu trabalho e faço-o com amor", aponta Zeinabo, enquanto rega a alface.

Esta mulher vive nas proximidades do vale do Infulene. Caminha cerca de 20 minutos

ção permanente. Descanso apenas aos fins-de-semana. Reservos esses dias para lavar a roupa, limpar e arrumar devidamente a casa. Ao meio da semana, conto com a ajuda dos meus filhos na limpeza da casa", disse Zeinabo,

O sacrifício que esta mulher faz é para ajudar os filhos a se for-

para os cuidados dos filhos, têm sido a força motriz que leva muitas mulheres a abandonarem as suas camas. Logo que o galo canta, para se dedicarem à machamba, onde cultivam diversos produtos para consumo e venda.

"Tudo isto era ocupado pelo eucalipto até aquela zona onde foram construídas as instalações da Associação Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP). O meu primeiro filho nasceu eu a trabalhar aqui. Eu e o meu falecido marido criamos os nossos filhos cultivando a terra. As meninas foram ao lar e os rapazes estão nas suas casas. Vivo actualmente

melhoradas, incluindo sementes, fertilizantes e pesticidas, assim como a implementação de políticas que reduzam desigualdades no acesso e utilização da terra. O incremento de infra-estruturas de rega e a facilitação para o acesso aos mercados de insumos são outras medidas consideradas cruciais para alavancar a agricultura familiar no país.

A semente que escasseia

VONTADE de cultivar a terra, todas têm. Mas há um porém. Carolina Elias, 45 anos, queixa-se de escassear semente de qualidade.

Esta dificuldade, segundo a fonte, tem comprometido a produção, pois algumas sementes, como são os casos de alface e couve, quando lançadas à terra, germinam e em pouco tempo começam a florir, antes mesmo de ter uma estrutura para se fazer a colheita.

Contudo, não desiste.

"Antes vale ganhar pouco que nada. Faço este trabalho desde 1992, altura em que trabalhava na machamba da minha sogra. Já me habituei e procuro outras formas de sobrevivência, como fazer xitique (crédito rotativo) com as outras companheiras".

Carolina não tem tido uma jornada fácil. Para além da machamba, tem filhos menores por cuidar.

"Tenho que conciliar a machamba com as actividades domésticas.

De tanto me cansar, há dias que cozinho, mas não como. Onde me sento à noite, adormeço".

A recompensa para esta mulher é poder contribuir para aliviar as despesas da casa.

Já para Carolina Armando, 53 anos, desenvolver a actividade agrícola foi a opção que teve quando perdeu o marido no ano 2000. Já cuidou dos filhos até crescerem, mas ainda tem os netos por cuidar. Por isso, tal e qual outras mulheres, ela se dedica à machamba a pensar em cuidar da casa.

"Levanto-me às 5 e deito-me às 23 horas. Quando termino de fazer o trabalho da machamba, volto para casa lavar, cozinhar para os meus netos e sobrinho com quem vivo", disse Carolina Armando.



Carolina Elias gostaria de ter semente de qualidade



A morte do marido levou Carolina Armando a apostar na agricultura

Apostar na oportunidade

LEIA Paulo Pondja, 52 anos de idade, já teve trabalho formal e fez negócios que envolviam a compra de produtos na África do Sul e venda em Moçambique.

Contudo, rendeu-se à actividade agrícola. É através deste trabalho que incrementa a sua renda familiar.

"Tenho a 8ª classe do antigo sistema. Em tempos, trabalhei nos Caminhos de Ferro de Moçambique. Mas com a reestruturação da empresa, fomos despedidos e indemnizados. Foi quando pensei em fazer negócios. Ia à África do Sul, onde comprava diversos produtos alimentares para vender em Maputo. Durante muito tempo o negócio foi rentável. Mas, com o passar do tempo, a situação mudou. Pior quando as Alfândegas apreenderam os meus produtos. Não tive

como recuperá-los", contou Leia Pondja.

Foi assim que esta mulher procurou outras formas de fazer renda. De todas as que podia realizar, identificou-se com a agricultura.

"É gratificante trabalhar a terra, plantar e ver os seus vegetais crescerem. Parte destes produtos tiro para alimentar a família, outros vendo. Confesso-vos que a actividade é rentável. Vale a pena apostar na agricultura", referiu.

Para tornar o trabalho rentável, Leia diz que é preciso sacrifício, não poupar forças e trabalhar com vontade. "Acordo às 4:30 horas e chego à machamba às 5 horas. Quando o sol começa a intensificar, por volta das 11 horas, descanso e retomo às 15 horas para fazer a última rega", afirma.

Leia Pondja consegue dar

conta de acima de 10 canteiros sozinha. Ela planta alface, beterraba, couve, folha de abóbora, entre outras culturas.

As actividades desta mulher não terminam na "machamba da paz". Tem outras tarefas domésticas. Lava, engoma, cozinha, embora tenha já filhos crescidos e explica porquê: "sou a única que chega à casa mais cedo. Trabalho mais perto de casa. Outros membros da família trabalham longe e quando saem da actividade laboral vão à escola. Por isso, tenho que assegurar a refeição, estando cansada ou não".

Quando falamos com esta mulher, o sol já estava a intensificar, mas ela ainda estava com a enxada na mão e chapéu na cabeça, a trabalhar a terra para lançar a semente, que se vai traduzir em alimento para a sua família.



Leia Pondja considera agricultura uma actividade rentável